

Revista de Literatura, História
e Memória



Dossiê: Feminismos e literaturas

ISSN 1983-1498

VOL. 17 - Nº 30 - 2021

UNIOESTE/CASCADEL - p. 108-127

SUBJETIVAÇÃO E (RE)CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADE DA MULHER AFRO-
ESTADUNIDENSE EM *EU SEI POR QUE O PÁSSARO
CANTA NA GAIOLA*, DE MAYA ANGELOU: DO
SILENCIAMENTO À “ESCREVIVÊNCIA”

Subjectivation and (re)construction of identity of afro-
american women in *I know why the bird sings in the cage*,
by Maya Angelou: from silence to “escrevivência”

Erica Antonia Caetano¹

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar uma análise interpretativa da obra autobiográfica *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (2018), da escritora afro-estadunidense Maya Angelou, publicada originalmente em 1969 sob o título *I know*

why the bird sings in the cage. Nessa obra, as travessias – norte e sul – exerceram um papel fundamental na vida e na formação da narradora-personagem-protagonista Maya. É no correr desse ir e vir que ela conhece as trancas das gaiolas – os choques culturais que ressaltam o binômio hegemonia versus minoria, o racismo, o preconceito e o abuso. Entretanto, é nesse processo também que ela descobre um meio de resistir, ao perceber, por intermédio do silenciamento, a escrevivência² como uma possível chave para a libertação de todos os pássaros emudecidos ao longo da história. Por fim, para nortear a leitura, o trabalho se ancora nos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e Feministas.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivação; (Re) construção de Identidade; Mulher afro-estadunidense; Maya Angelou.

ABSTRACT: This article aims to present an interpretive analysis of the autobiographical work *I know why the bird sings in the cage* (2018), by the African-American writer Maya Angelou, published in 1969 under the title *I know why the bird sings in the cage*. In this work, the crossings - north and south - played a fundamental role in the life and formation of the Maya narrator-character-protagonist. It is in the course of this coming and going that she gets to know the locks of the cages - the cultural clashes that highlight the binomial hegemony versus minority, racism, prejudice and abuse. However, it is also in this process that she discovers a way to resist, when she perceives, through silencing, a writing as a possible key to the liberation of all the muted birds throughout history. Finally, to guide the reading, the work is anchored in the theoretical assumptions of Cultural and Feminist Studies.

KEYWORDS: Subjectivation; (Re) construction of identity; African american woman; Maya Angelou.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Mestre em Letras, área de concentração em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (2013). É professora pedagoga e de língua inglesa na Prefeitura de Maringá/Pr e tutora a distância do curso de Letras EaD/UEM.

² O termo “escrevivência”, que nos valemos neste estudo, foi cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo e traz consigo, conforme ela própria pontua em uma entrevista, a imagem de “todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. [...] E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo (EVARISTO, 2017).

INTRODUÇÃO

Não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de você.
(ANGELOU, 2018, p. 12).

A busca pela libertação do paradigma tradicional das abordagens eurocêntricas e colonialistas arraigado, tanto nas narrativas escritas, quanto no discurso oral já está legitimado mundialmente e tem sido o cerne de diversos estudos, dentre os quais, pode-se mencionar, apenas à guisa de exemplo (sem pretensão de excluir os demais), os estudos pós-coloniais, culturais, de autoria feminina e de literatura marginal. Esse fator é de suma importância para a sociedade contemporânea, no sentido de convidá-la a uma autoavaliação comportamental, pois, infelizmente, de modo geral, ela se mostra – mesmo diante de um cenário caótico por conta da pandemia resultante da chegada do SARS-CoV-2, o novo coronavírus, que levanta a bandeira da empatia diariamente – cada dia mais contaminada pelo vírus do ódio, da dominação, da inferiorização, da exclusão entre tantos que refletem o perfil opressor dos colonizadores.

Ao considerar a visão do crítico Antonio Candido expressa em seu ensaio *A literatura e a formação do homem* sobre a essencialidade da literatura – ou seja, o fato de que a literatura permite ao sujeito o reconhecimento da realidade ao seu redor quando a transpõe para o mundo ficcional e que, portanto, o artefato literário pode auxiliar o homem em sua compreensão do mundo e, assim, emancipá-lo dos dogmas que a sociedade lhe impõe – é possível inferir que essas teorias podem contribuir tanto para dar visibilidade aos grupos “minoritários” quanto para ratificar a existência da diferença (de raça, gênero, classe) e da igualdade (do seres humanos como detentores de direitos, inclusive, o de ser humano) entre os sujeitos. Além disso, lembrar ao homem que “Nós somos mais parecidos do que somos diferentes” (ANGELOU, 2018, p. 10).

O presente trabalho traz uma proposta de leitura da obra autobiográfica *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (2018), da escritora afro-estadunidense Maya Angelou. Trata-se do primeiro livro dessa escritora, publicado originalmente em 1969 sob o título *I know why the bird sings in the cage*.

Sobre essa publicação, é mister registrar que apesar de a obra da escritora Marguerite Ann Johnson, ou simplesmente Maya Angelou, como era conhecida, receber uma primeira versão traduzida para a língua portuguesa em 1996, sob os cuidados da editora José Olympio

e da tradutora Paula Rosas, somente em 2018, com a edição da Astral Cultural e tradução de Regiane Winarski, é que sua obra parece ter conquistado a população brasileira. Isso porque esse livro se tornou um sucesso no Brasil apenas seis anos após a morte de Angelou e agora ocupa o ranking das obras mais vendidas na seção biografias culturais e regionais da livraria virtual *Amazon*³.

O objetivo deste estudo é discutir a (in)visibilidade daquelas que tiveram, historicamente e sobremaneira, a sua identidade de gênero e sua etnicidade silenciadas: as mulheres negras. De modo mais específico, busca-se fazer um recorte espaço-temporal voltando o olhar para as opressoras gaiolas que esfacelaram a identidade dos sujeitos diaspóricos no Sul dos Estados Unidos, na segunda metade do século XX. Destarte, a fim de melhor compreender a escrita de si de Maya Angelou e a sua relação com os acontecimentos que marcaram esse contexto histórico, serão tratadas, na seção seguinte, algumas ocorrências históricas e biográficas.

(RE)VISITAÇÃO HISTÓRICA: A LUTA PELA EFETIVA LIBERDADE DOS AFRO-ESTADUNIDENSES

Marguerite Ann Johnson, conhecida popularmente como Maya Angelou, nasceu em Saint Louis, Missouri, em quatro de abril do ano de 1928 e viveu uma infância marcada por dificuldades. A começar pela separação de seus pais, Bailey Johnson, um porteiro e nutricionista da marinha, e Vivian Baxter, uma enfermeira, quando ela ainda era muito jovem, com apenas três anos de idade.

Diante da separação, a pequena Angelou e seu irmão mais velho, Bailey, foram enviados sozinhos de trem para Stamps, Arkansas, onde residia Annie Henderson, sua avó paterna. Esse fato, embora ocorrido na infância de Angelou, foi marcante. Não gratuitamente, consta registrado no primeiro parágrafo, do capítulo um, de sua obra *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Ela recorda:

Nós chegamos à cidadezinha bolorenta quando eu tinha três anos e Bailey tinha quatro. As etiquetas nos nossos pulsos diziam – “A quem possa se interessar” – que éramos Marguerite e Bailey Johnson Jr., de Long Beach, Califórnia, a caminho de Stamps, Arkansas, aos cuidados da sra. Annie Henderson (ANGELOU, 2018, p. 19).

³ Embora oscilante no quesito colocação, a obra ocupou o pódio por diversas vezes ao longo dos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2021. Um registro dessa posição ocorreu, por exemplo, em 06/02/2021 (às 15h48min) no site da Amazon: https://www.amazon.com.br/dp/8582467141/ref=cm_sw_r_u_apa_i_58HJW_Q7EYBQC6HS8VK6B?encoding=UTF8&psc=1.-

O tempo de vivência com Momma, modo como Angelou e Bailey se referiam a sua avó, Annie, e com o tio Willie contribuiu para muitas experiências, descobertas e aprendizados. Dentre eles, Angelou registra, em uma passagem do livro, que, com o tempo, percebeu que ela não era a primeira e nem mesmo a única criança a viajar sozinha para viver em outro lugar com outra(s) família(s).

Anos depois, descobri que os Estados Unidos foram atravessados milhares de vezes por crianças Negras assustadas, viajando sozinhas até seus novos e prósperos pais em cidades do norte, ou de volta até avós em cidades do sul quando o norte urbano faltou com suas promessas econômicas (ANGELOU, 2018, p. 19-20).

Isso se deu em virtude de uma série de conflitos desencadeados ao longo da história dos Estados Unidos, conforme registra Leandro Karnal em sua obra *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI* (2011). Dentre eles, interessa destacar as divergências de interesses políticos e econômicos entre os estados do Norte e do Sul do país. Enquanto os primeiros defendiam a não comercialização de escravos, os outros insistiam em usufruir da mão de obra africana escravizada. Esse descompasso de ideias foi o mote para a ocorrência do maior conflito da história dos Estados Unidos: a Guerra Civil Americana.

A abolição da escravidão nos Estados Unidos aconteceu justamente em meio a esse conflito por meio do decreto de 1º de janeiro de 1863 no qual consta a Lei de Emancipação dos Escravos. Esta foi reafirmada dois anos mais tarde com a promulgação da 13ª Emenda Constitucional. Depois da 13ª emenda, outras foram criadas no afã de garantir a cidadania plena.

Todavia, em virtude da intransigência étnica branca, toda essa legislação em prol do pleno exercício de cidadania do povo negro não foi efetivamente garantida. Afinal, logo após a reconstrução do país, alguns estados do Sul aprovaram outras leis para separar brancos e negros com o fim de oficializar o racismo.

Diante disso, insatisfeitos com a vida marginalizada e relegados ao racismo e às mais duras e diversas formas de segregação, é que a população negra norte-estadunidense começou a exigir o cumprimento dos direitos que a Constituição garantia a eles. Assim, registra-se uma eclosão de consciência, sentimentos e, sobretudo, de mobilização social a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse contexto, surge o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos (1955-1968).

Nessa luta, que assumiu contornos bem maiores do que a busca para a efetivação dos direitos civis, pois também se deu em prol do respeito cultural e identitário, muitas

personalidades se destacaram. Dentre elas, alguns nomes ficaram eternizados historicamente, graças aos seus feitos importantes, como Martin Luther King Jr., Malcom X, Rosa Parks e o grupo Panteras Negras.

Entretanto, ressalta-se que eles não foram os únicos a dar essa batalha. A essa lista, por exemplo, é necessário acrescentar o nome de Maya Angelou. A escritora foi partícipe desse movimento desde a sua mocidade, mesmo sem ainda conhecer seus representantes.

Ela cursou a Escola de Trabalho Social da Califórnia, mas ainda antes de se formar conquistou um grande feito para a sua época, pois foi a primeira mulher negra a trabalhar como motorista de transporte público em São Francisco. No entanto, não permaneceu na função por muito tempo, pois, na década de 1950, se casou com um músico grego. Esse casamento, entretanto, também não foi algo duradouro na vida de Angelou. Mas, foi durante esse relacionamento que a autora de *I know why the bird sings in the cage* estudou dança e teatro, o que proporcionou a ela trabalhar em diversos países da Europa.

Durante uma dessas idas ao velho continente, em Paris, a escritora conheceu uma figura emblemática da literatura negra, responsável por marcar sua vida na defesa dos direitos civis dos negros, James Baldwin (LÓPEZ, 2018). Além de Baldwin, Angelou teve o privilégio de, em sua caminhada, contar com algumas célebres personalidades ativistas, conforme relata López (2018):

Ganhou a confiança de Martin Luther King e trabalhou com o ativista sul-africano Vusumzi Make, o que lhe permitiu acompanhar de perto o processo da independência dos estados africanos. Viveu no Cairo e em Acra, onde foi editora do jornal “The Arab Observer”, escreveu artigos para o “The Ghanaian Times” e apareceu na programação da Ghana Broadcasting Corporation. Ali conversou com Malcolm X, conheceu Nelson Mandela e se adaptou tanto ao mundo acadêmico como aos meios de comunicação, experiências que utilizou depois de sua volta aos Estados Unidos.

Em 1964, Angelou pôde ajudar Malcolm X a estabelecer a “Organização da Unidade Afro-Americana”⁴. Contudo, essa organização logo precisou ser desfeita, em decorrência do assassinato do ativista, em 1965. Não bastasse esse choque, três anos mais tarde, exatamente no dia em que comemorava mais um de seus aniversários, Angelou perde uma outra fonte de inspiração e de luta, Martin Luther King Jr., que também foi assassinado. Depois disso, ela nunca mais foi capaz de comemorar seu aniversário.

É assim que, na busca por se livrar das dores provocadas pelas amarras do racismo, Maya Angelou se entrega àquilo que lhe possibilita levantar e continuar a lutar: as palavras. O

⁴ *Organization of Afro-American Unity.*

seu poema mais célebre, intitulado “And Still I Rise”, além de ter se tornado um icônico manifesto do movimento negro nos Estados Unidos, ratifica com precisão o poder e a força presentes nas palavras dessa mulher. Para além disso, Angelou afirma, de forma lírica, apesar de todas as dores que sente, que ela não se curvará, nem se entregará ao impiedoso poder hegemônico. Ao contrário, dará continuidade à luta por seus direitos e pelo direito dos seus, que, ainda, não estavam garantidos.

De fato, a escritora e ativista afro-americana honra sua palavra até o seu último dia de vida, em 28 de maio de 2014, sendo porta-voz não só dos movimentos negros, mas, principalmente, das mulheres que, assim como ela, foram (e ainda são) ao longo da história duplamente oprimidas: por serem mulheres e por serem negras. Ainda neste artigo, ao tratar da questão da resistência, esse assunto será retomado. Antes, porém, se faz necessário discorrer sobre as muitas mudanças experimentadas por Angelou no período que compreende a infância e a adolescência e as suas consequências na vida da escritora.

DIÁSPORA/DES-LOCAMENTO: ESFACELAMENTO OU DESCOBRIMENTO?

É fato que muitas são as razões que levam um sujeito a deixar o seu espaço de origem e migrar para outro, desde o exílio para a garantia de sobrevivência até a busca por melhores condições de vida. Kathryn Woodward (2000), em seu capítulo introdutório à obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, defende a ideia de que a migração acarreta impactos tanto no país de origem quanto no de destino.

Dentre esses impactos, a autora chama a atenção para a produção de identidades plurais e identidades contestadas. Em suas palavras, “Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras” (WOODWARD, 2000, p. 22). Sob esse viés, Woodward lembra de um importante conceito, a *diáspora*, que é capaz de auxiliar na compreensão de algumas dessas identidades, as quais, em seu dizer, “não têm uma ‘pátria’ e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte”.

Thomas Bonnici (2005), em seu trabalho intitulado *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*, contribui nesse sentido ao discorrer acerca da genealogia epistemológica do conceito. De acordo com Bonnici (2005, p. 24), *diáspora* tem raízes gregas (*diasporein*, semear) e pode ser compreendida como dispersão de pessoas. Ou seja, as pessoas que vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, mas que, no entanto, permanecem enraizadas, seja

na língua falada, na religião ou nas culturas produzidas, são pessoas *diaspóricas*.

Fato é que, historicamente, assim como apregoa seu próprio significado, o conceito de diáspora foi se modificando. A estudiosa Michele Reis, por exemplo, em seu trabalho *Theorizing diaspora: perspectives on “classical” and “contemporary” diáspora*, realiza um percurso teórico que abrange as perspectivas clássicas e contemporâneas de diáspora, ratificando seu *status* de mobilidade conceitual ou mesmo de formas/visões de uma concepção.

Além disso, uma das contribuições significativas desse estudo diz respeito à compreensão de que o processo diaspórico se desenvolveu em três fases, a saber: (1) Período Clássico, no qual registra-se a diáspora judaica e a dispersão dos gregos na colonização da Ásia Menor e da região do Mediterrâneo; (2) Período Moderno que é marcado pela disseminação dos mouros na Espanha e dos ciganos, no início do século XIV, em várias partes da Europa, até o final da Segunda Guerra Mundial; e (3) Período Contemporâneo, ou Pós-Moderno, iniciado no fim da Segunda Guerra Mundial e se estende até a atualidade.

Após o percurso traçado pela autora, ela exhibe sua visão de que o processo diaspórico da terceira fase é o mais complexo, especialmente, pela amplitude de sua existência. Isso quer dizer que, para a pesquisadora, se outrora a diáspora esteve atrelada ao exílio ou a experiências traumáticas, a diáspora contemporânea é movida por questões não traumáticas, tais como a oportunidade de trabalho e estudos no exterior ou a oportunidade de melhores empregos. Sobre isso expõe que (2004, p. 49, tradução nossa) “é imperativo, portanto, que se faça a distinção de que essas diásporas modernas são formadas não apenas por intenso conflito político, mas como resultado de oportunidades”⁵.

Todavia, ela ressalta que, por outro lado, ações são necessárias para que o sujeito diaspórico se estabeleça na terra anfitriã e não se sinta totalmente deslocado. Nesse sentido, observa-se que, por mais benéfica que a diáspora seja, existe uma necessidade vital que é a de pertencimento por parte do sujeito diaspórico. A ausência desse pertencimento ao lugar que se habita pode ser uma possível justificativa para os variados sonhos de regresso à nação de origem. De outro lado, se ao voltar à terra natal não houver um “acolhimento” por parte de seu povo, o desejo inverso pode ser despertado no sujeito.

Stuart Hall (2003) trata desse assunto em sua obra *Da diáspora – identidade e mediações culturais*. O estudioso nomeia a dificuldade em se colocar no lugar onde se vive no presente, mesmo quando se volta para o país de origem, de deslocamento. Ele explicita que:

⁵ “It is imperative, therefore, that the distinction be made that these modern-day diasporas are formed not only through intense political conflict, but as a result of opportunity”

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente. Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de des-locamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Queda, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, “não estamos em casa” (HALL, 2003, p. 27).

O texto literário em questão, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, conforme mencionado na seção anterior, é marcado, logo em seu primeiro parágrafo, por uma viagem, na qual as crianças Angelou – com três e Brailey com quatro anos de idade – abandonam involuntariamente sua casa em decorrência da separação dos pais. Na realidade, elas são forçadas ao deslocamento e privadas do convívio com os progenitores num momento singular: a infância.

Ocorre que essa foi apenas a primeira das muitas diásporas vividas pelas crianças. Angelou lembra em seu relato detalhes dessa viagem:

Nossos pais tinham decidido pôr fim ao calamitoso casamento, e nosso pai nos mandou para a casa da mãe dele. Um funcionário da ferrovia foi encarregado do nosso bem-estar — ele saltou do trem no dia seguinte, no Arizona —, e nossas passagens foram presas no bolso interno do paletó do meu irmão (ANGELOU, 2018, p. 19).

Logo na sequência desse fragmento, ela menciona a avaliação que faz mais tarde sobre sua primeira viagem:

Anos depois, descobri que os Estados Unidos foram atravessados milhares de vezes por crianças Negras assustadas, viajando sozinhas até seus novos e prósperos pais em cidades do norte, ou de volta até os avós em cidades do sul quando o norte urbano faltou com suas promessas econômicas (ANGELOU, 2018, p. 19).

Ao destacar que soube de muitas crianças que também atravessaram sozinhas os Estados Unidos, Angelou parece entender que a sua viagem com o irmão não foi um fato isolado, relacionado unicamente à separação de seus pais. Aqui, percebem-se traços da diáspora traumática, ocorrida por razões como exílio, guerra, pobreza, escravidão.

Traumática também foi, conforme destaca a narradora e personagem, a familiarização com o lugar: “A cidade reagiu a nós como os habitantes reagiram a todas as coisas novas antes da nossa chegada” (ANGELOU, 2018, p. 20). Contudo, Momma, tal como uma mãe, foi, a

seu modo, ensinando-os e inserindo-os, na medida do possível, naquele espaço, para que pudessem se sentir ao menos “em casa”. Isso aconteceu vagarosamente.

No entanto, quando Angelou tinha sete anos, um fato se encarrega de mudar esse cenário: o retorno de seu pai. Ela expõe: “E meu mundo de sete anos despencou, e nunca voltaria para o lugar” (ANGELOU, 2018, p. 73). A pequena de fato tinha razão nessa previsão. O retorno de Bailey-pai não foi para uma mera visita aos filhos que havia abandonado há aproximadamente quatro anos na casa de sua mãe. Bailey-pai veio com o intuito de levar as crianças até a mãe, Vivian, sua ex-mulher. A justificativa para essa mudança não aparece, o certo é que, a contragosto de Angelou, o pai leva ambos os filhos até Saint Louis. Sobre o trauma dessa segunda viagem, Angelou narra:

De repente, fiquei apavorada. E se ela risse de nós como ele riu? E se tivesse outros filhos agora, que estavam com ela? “Quero voltar para Stamps”, eu disse. Papai riu. “Você quer dizer que o bebê do Papai não quer ir para St. Louis ver a própria mãe? Ela não vai comer você, sabia?” (ANGELOU, 2018, p. 77).

Como se vê, a lembrança de Angelou com relação ao momento em que “conhece” seu pai, dos sete para oito anos de idade, não foi positiva. Naturalmente, o anúncio surpresa de que estava a caminho da casa da mãe, que também era uma desconhecida para ela, provocava medo, um temor frente ao desconhecido.

Além disso, ter à sua frente, após quase cinco anos de separação, seus progenitores era como colocá-la diante de uma Angelou que ela nunca foi. Em outras palavras, esfacelá-la, para que, juntando os pedacinhos de si, ela pudesse se descobrir. Em outros termos, a garota se encontra fragmentada, deslocada, descentrada. Esse é um sentimento típico dos sujeitos pós-modernos, de acordo com Stuart Hall. Nesse caso, acontece especialmente porque Angelou se via como uma menina negra magrela, desengonçada e com a cabeça coberta de palha de aço e, ao ver a mãe, não se identifica, pois ela era “um furacão em seu poder perfeito”: “Ela era linda demais para ter filhos” (ANGELOU, 2018, p. 79).

Dessa viagem resultou a estadia “permanente”, durante um ano e meio, de Angelou e Bailey na casa dos avós maternos, na Carolina Street. Depois desse período, eles se deslocam novamente. Agora para a casa da mãe: “Mamãe tinha preparado um lugar para nós, e fomos para lá com gratidão. [...] O namorado da mamãe, o sr. Freeman, morava conosco, ou nós morávamos com ele (eu nunca soube direito)” (ANGELOU, 2018, p. 89-90). Nesse momento, Angelou só conseguiu atingir uma certeza:

[...] St. Louis era um país estrangeiro. Jamais me acostumaria com os sons de água escorrendo da descarga acionada, nem com as comidas embrulhadas, nem com as campainhas e o barulho de carros e trens e ônibus que passava pelas paredes ou entrava por baixo de portas. Na minha mente, só fiquei algumas semanas em St. Louis (ANGELOU, 2018, p. 91).

O fragmento revela exatamente o sentimento de des-locamento cunhado por Hall, pois, mesmo vivendo com a mãe e na cidade de sua gênese, Angelou encontra dificuldade para se alocar. Assim, ela encontra uma válvula de escape para esse ruim sentimento de estranheza. Ela conta:

Assim que entendi que não estava em casa, passei a fugir para a floresta de Robin Hood e para as cavernas de Brucutu, onde a realidade era tão irreal quanto a minha e até isso mudava todos os dias. Eu carregava o mesmo escudo que usei em Stamps: “Não vim para ficar” (ANGELOU, 2018, p. 91).

Quiçá essa tenha sido a maior de todas as dispersões que marcaram a infância da escritora. É nesse lugar e com o sr. Freeman, namorado de sua mãe, que Angelou vivencia um trauma que a silencia por muitos anos. Entretanto, essa questão será abordada especificamente no tópico a seguir. Por ora, interessa mencionar o acontecimento que foi o mote para mais uma viagem: a de retorno para a casa da avó paterna:

Estávamos no trem voltando para Stamps, e desta vez fui eu que tive que consolar Bailey. [...] Não sei se Momma mandou nos chamar ou se a família de St. Louis ficou cansada da minha presença sombria. Não tem nada mais desconcertante do que uma criança constantemente taciturna. Eu me importava menos com a viagem e mais com o fato de Bailey estar infeliz, e não pensei mais sobre nosso destino tanto quanto não pensaria em uma simples ida ao banheiro (ANGELOU, 2018, p. 110-11).

Na casa da avó Annie, Angelou permaneceu por alguns anos. Durante esse período, ela pôde aprender e adquirir várias formas de conhecimento, inclusive, sobre si e sobre a história de luta do seu povo. É a partir daí que Angelou percebe-se como um sujeito em formação identitária. Sobre essa questão, Hall (1998, p. 13) pontua:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar.

Nesse sentido, a solenidade de formatura da oitava série de Angelou se tornou emblemática. Além de ser simbolicamente um marco transitório no que concerne à passagem da infância para a adolescência, é nesse dia que a jovem Maya experimenta, em um período temporal curto, o sentimento de dor por ser negra e não ter controle sobre a sua própria vida por estar treinada a silenciar diante de acusações contra sua cor de pele e não ter o direito de se defender (ANGELOU, 2018, p. 211). Além disso, um sentimento de orgulho surge logo após o hino nacional negro ser entoado por seu colega do colegial, Henry Reed. Ao término da canção, a jovem, outrora dominada pelo sentimento de amargura resultante do preconceito, considera:

Estávamos no topo de novo. Como sempre, de novo. Nós sobrevivemos. As profundezas eram geladas e escuras, mas agora um sol forte iluminava nossas almas. Eu não era mais só uma integrante da orgulhosa turma de formandos de 1940; eu era uma integrante orgulhosa da maravilhosa e linda raça Negra (ANGELOU, 2018, p. 2015).

A formatura ainda registra mais uma mudança. Agora, atrelada ao espaço. Depois de ter passado alguns anos em um ambiente rural junto ao tio e à avó paterna, Angelou e Brailey são “devolvidos” à mãe. Isto é, migram para o meio urbano, para São Francisco, na Califórnia.

Apesar das várias diásporas vividas durante a infância, é interessante perceber que essa viagem leva Angelou novamente ao esfacelamento identitário. Assim ela reflete e avalia esse retorno:

Houve dias nebulosos de não pertencimento para Bailey e para mim. Era ótimo dizer que ficaríamos com nossos pais, mas, afinal, quem eram eles? Seriam mais severos com nossas travessuras do que ela? Isso seria ruim. Ou mais tranquilos? Isso seria ainda pior. Nós aprenderíamos a falar aquela língua veloz? (ANGELOU, 2018, p. 236).

Mesmo diante da nebulosidade mencionada no trecho pela autora, esse regresso resulta no tão esperado descobrimento de si. Ainda assim, os fatos que se seguem não privam Angelou de várias diásporas traumáticas. Contudo, os voos, embora marcados por repetidas e também novas dores, corroboram significativamente para o desenvolvimento e fortalecimento da identidade da jovem, que, a duras penas, descobrirá que, em um ambiente no qual reinam o preconceito, o racismo, a opressão e a objetificação da mulher, resistir é preciso!

SILENCIAR, OUVIR, FALAR E ESCREVER: RESISTIR É PRECISO

Se crescer é doloroso para a garota Negra do sul, estar
ciente do seu não pertencimento é a ferrugem na navalha
que ameaça a garganta.

(ANGELOU, 2018, p. 18).

Os anos de 1950 e 1960, nos Estados Unidos, se tornaram símbolo de efervescência por conta dos movimentos suscitados em prol dos direitos civis que até então eram negligenciados. Nesse mesmo contexto, outro movimento toma corpo, em busca de igualdade entre homens e mulheres, a luta feminista. Tanto o movimento dos direitos humanos, quanto o movimento feminista possuíam um objetivo comum: igualdade de condições de vida.

Entretanto, enquanto o primeiro grupo precisou lidar com a problemática da classe e da raça, o segundo teve acrescido a esses outra questão: a de gênero. Não é sem motivo que diferentes estudiosos salientam que a mulher foi duplamente colonizada. Spivak, por exemplo, tece a seguinte avaliação: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85). Em outros termos, ela ratifica a desvantagem da mulher quando comparada aos homens: “A mulher se encontra duplamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 90). Bonnici, por seu turno, reforça que

O colonialismo europeu provocou profunda desestruturação na vida das mulheres, especialmente no regime de trabalho, na escravidão, na mancebia, na agressão sexual, no estereótipo de elas serem sexualmente obcecadas e precoces, na pecha de serem passivas e acomodadas, na prostituição, no abuso sexual de crianças, no aumento do número de estupros e em outras doenças desconhecidas (BONNICI, 2007, p. 43).

Essa desestruturação na vida das mulheres a que se refere Bonnici no trecho é descrita com minúcia em uma das mais célebres obras da intelectual e feminista estadunidense, Angela Davis, intitulada *Mulheres, raça e classe*. Sobre o regime de trabalho, afirma:

Tal qual a maioria dos escravos, a maior parte das escravas trabalhava na lavoura. Embora nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos uma quantidade significativa de escravas realizasse trabalhos domésticos, as escravas do extremo Sul – o verdadeiro núcleo do escravismo – eram predominantemente trabalhadoras agrícolas. Por volta de meados do século XIX, sete em cada oito pessoas escravizadas, tanto mulheres como homens, trabalhavam na lavoura. Da mesma forma que os meninos eram enviados para o campo ao atingir certa idade, as meninas eram designadas para trabalhar o solo, coletar algodão, cortar cana, colher tabaco

(DAVIS, 2016, p. 24-25).

Na obra autobiográfica de Maya Angelou, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, esse panorama referente ao trabalho é descrito em várias passagens. Em uma delas, a autora fala sobre a situação caótica dos homens e mulheres quando retornam do dia de trabalho:

Os macacões e camisas pareciam rasgados de propósito, e os fiapos de algodão e a sujeira no cabelo davam a eles a aparência de pessoas que tinham acabado de ficar grisalhas. Os pés das mulheres tinham inchado a ponto de preencher os sapatos masculinos descartados que usavam, e elas lavavam os braços no poço para soltar sujeira e farpas que tinham penetrado nas mãos durante a colheita do dia (ANGELOU, 2018, p. 147).

Em sua visão de criança, essas pessoas estavam em condições subumanas, mas mesmo assim agradecidas pelo pouco que tinham/recebiam, gratas pela sobra da refeição do dia anterior que seria capaz de sustentá-las mais um dia e fortificá-las para, após se limparem, irem à igreja. Para a pequena Angelou, esse era um verdadeiro exemplo de masoquismo. Certamente, a pequena ainda não estava familiarizada o bastante para entender muito do que se passava em Stamps.

Outro fato vislumbrado por Angelou durante a infância, que acarretou nela uma enorme indignação, foi uma cena em que três meninas brancas ridicularizaram Momma, sua avó: “‘Não, Helen, você não está parada como ela. É assim’. Ela estufou o peito, cruzou os braços e imitou aquela postura estranha que era a de Annie Henderson. Outra riu. ‘Não, você não sabe fazer. Sua boca não é frouxa o bastante. É assim’” (ANGELOU, 2018, p. 47).

A ausência de repreensão por parte de Momma, uma senhora íntegra, trabalhadora e digna de respeito, diante do deboche das meninas brancas, provoca na escritora e neta sofrimento e um sentimento de confusão. Isso porque Angelou não havia reconhecido que tanto ela, quanto a avó, faziam parte de uma maioria minoritária: eram pobres; mulheres; e negras. Contudo, o tempo se encarregou de ilustrar que seus traços identitários lhe garantiriam o *status* de objeto e não de sujeito.

Ser objeto e não sujeito correspondia exatamente a ser o sujeito subalterno de que Spivak fala, pois, segundo ela, o sujeito subalterno não existe enquanto categoria que tem voz própria e, por isso, não pode ser ouvido no discurso dominante, além de não ter nenhum espaço a partir do qual possa falar. Em outros termos, é o sujeito que vive à margem, exposto a inúmeras formas de violação e opressão.

Davis (2016, p. 25) lembra que as mulheres sofriam de forma diferenciada, “porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a

elas”. Além disso, a ativista destaca que “Os abusos sexuais sofridos rotineiramente durante o período da escravidão não foram interrompidos pelo advento da emancipação” (DAVIS, 2016, p. 99). Isso se deu, de acordo com ela, porque “constituía uma verdade que ‘mulheres de cor eram consideradas como presas autênticas dos homens brancos’” (DAVIS, 2016, p. 99).

Assim, a pequena Maya Angelou se torna objeto da violência sexual aos oito anos de idade. Na ocasião, morava em St. Louis, com seu irmão Bailey, sua mãe Vivian Baxter e com o sr. Freeman, o namorado da mãe. Este último, era descrito como um bom companheiro para a mãe e logo Angelou passou a idealizá-lo como a figura do pai que nunca teve. Entretanto, as ausências da mãe em casa, somadas ao ciúme e à impaciência por esperar a sua chegada durante muitas noites, contribuíram para que Freeman, contando com a inocência e carinho da pequena enteada, a molestasse. Ela narra como tudo aconteceu:

Uma manhã, ela saiu da cama para fazer alguma coisa e adormeci de novo. Mas acordei com uma pressão, uma sensação estranha na perna esquerda. Era mole demais para ser uma mão, e não era o toque de roupas. Eu nunca tinha tido aquela sensação, o que quer que fosse, em todos os anos que dormi com mamãe. Não se moveu, e fiquei sobressaltada demais para me mover. Virei a cabeça um pouco para a esquerda para ver se o sr. Freeman tinha acordado e saído da cama, mas ele estava de olhos abertos e as duas mãos estavam em cima do cobertor. Eu sabia, como se sempre tivesse sabido, que era a “coisa” dele na minha perna. Ele disse: “Fique parada aí, Ritie, não vou machucar você”. [...] Ele afastou o cobertor, e a “coisa” dele estava em pé como uma espiga de milho marrom. Ele segurou minha mão e disse: “Sinta”. Era gosmento e molengo como a parte de dentro de uma galinha recém-morta (ANGELOU, 2018, p.93-94).

Terminada a ação, sr. Freeman, a fim de manter a sua integridade como homem, cuida para convencer a pequena – mesmo não conseguindo efetivamente – de que a cama, que ficara molhada, era resultado de um acidente ocorrido com ela, xixi na cama. Além disso, o sr. Freeman, utilizando como ferramenta a adoração e amor de Angelou por Bailey, faz um alerta: “Se você contar a alguém o que fizemos, eu vou ter que matar Bailey” (ANGELOU, 2018, p. 95). Nesse momento, a pequena é intimada ao silenciamento. Ou, recorrendo a Spivak, é lembrada de que o sujeito subalterno não pode falar.

As agressões acontecem até que, em um sábado no final da primavera, o ato de extrema violência contra uma criança, mulher e negra vem à tona. A narradora e protagonista, mais uma vez, narra como tudo aconteceu:

O sr. Freeman disse para mim depois que Bailey já tinha descido: “Ritie, vá comprar leite para a casa”. [...] Depois de colocar o leite na geladeira, me virei e estava na porta da rua quando ouvi “Ritie”. Ele estava sentado na

poltrona ao lado do rádio. “Ritie, venha aqui”. [...] “Não, senhor, sr. Freeman”. Comecei a recuar. [...] Ele pegou meu braço e me puxou entre as pernas. [...] “Isso não vai doer muito. Você gostou antes, não gostou?” (ANGELOU, 2018, p. 99-100).

A menina resistiu à pergunta e se calou. Porém, ele não desistiu. Aumentou o som do rádio e avisou que, caso ela tentasse gritar, seria morta. Lembrou ainda que, se contasse para alguém, ele mataria o seu irmão. O tom sério do homem fez com que ela sentisse medo e, logo em seguida, uma dor terrível:

E aí, veio a dor. Uma invasão indesejada em que até os sentidos são destruídos. O ato de estupro em um corpo de oito anos é questão da agulha deixar o camelo passar pelo seu buraco por não ter outra opção. A criança cede porque o corpo pode, e a mente do violador não consegue” (ANGELOU, 2018, p.100).

Angelou comenta, logo em seguida, que pensou estar morta. De fato, o ato cruel da violência física e psicológica eram o suficiente para que isso pudesse ocorrer. A escritora se revela mais tarde uma mulher de muita força, mas, até que essa mulher nascesse, a pequena Angelou simbolicamente morre. Isso porque, depois de muito tempo omitindo o que aconteceu, é vencida pela insistência do irmão e acaba contando a verdade para ele.

O fato de não ter permanecido em silêncio, conforme ditavam as ameaças do sr. Freeman, levaram o homem à prisão: “O sr. Freeman pegou um ano e um dia, mas nunca teve chance de cumprir a sentença. O advogado dele (ou alguém) o soltou naquela mesma tarde” (ANGELOU, 2018, p. 108). Mas, ele não teve muito tempo para desfrutar da sua liberdade: “Freeman foi encontrado morto no terreno baldio atrás do abatedouro” (ANGELOU, 2018, p. 108).

Quando recebe essa notícia, a futura escritora sofre um trauma terrível, pois sente-se responsável pela morte daquele homem e, mais uma vez, é objetificada, porque entende que sua fala provocou o infortúnio. Ela ainda recorda que, quando foi interrogada no tribunal, “O acusado tocou em você antes da ocasião em que você alega que ele a estuprou?” (ANGELOU, 2018, p. 108), sua resposta não foi verdadeira, pois ela respondeu negativamente ao que foi questionado, omitindo o dia em que foi molestada.

Portanto, ao examinar a proporção do evento “ocasionado” por sua mentira, ela concluiu que deveria parar de falar. É assim que a menina passa a seguir os ditames da sociedade patriarcal e machista, resignando-se à subalternidade e ao silenciamento. Para colocar isso em prática, Angelou afirma: “que para alcançar o silêncio pessoal perfeito eu só

precisava me agarrar como uma sanguessuga aos sons. Comecei a ouvir tudo” (ANGELOU, 2018, p. 110).

No entanto, essa decisão acarretou muitas punições por parte da família, até que, por fim, decidiram mandá-la novamente para a casa da avó paterna. Mesmo lá, “a mulher subalterna continuará tão muda como sempre estive” (SPIVAK, 2010, p. 112). Até conhecer a sra. Bertha Flowers. Sobre essa mulher, a narradora-protagonista revela que foi ela “a moça que jogou a primeira boia salva-vidas da minha vida” (ANGELOU, 2018, p. 117).

Tudo tem início em uma tarde de verão quando a Sra. Flowers, depois de comprar seus mantimentos, recebe de Momma um aviso: “Irmã Flowers, vou mandar Bailey até sua casa com essas coisas” (ANGELOU, 2018, p. 120), o qual nega prontamente ao dizer: “[...] prefiro Marguerite” (ANGELOU, 2018, p. 120). Sem questionar, Momma pede para a neta trocar de roupa e acompanhar a sra. Flowers. No trajeto, em um praticamente monólogo estabelecido entre elas, uma vez que a menina resistia ao uso da voz, Flowers consegue provocar a reflexão acerca do silêncio em que Angelou se mantinha. Para tanto, destaca conhecer o apreço da pequena pela leitura: “Sua avó diz que você lê muito. Em todas as oportunidades que têm. Isso é bom, mas não o suficiente. Palavras significam mais do que é colocado no papel. É preciso a voz humana para dar a elas as nuances do significado mais profundo” (ANGELOU, 2018, p.122).

As palavras da sra. Flowers surtem efeito, pois a autora registra: “Decorei essa parte sobre a voz humana dar nuances às palavras. Pareceu muito válido e poético” (ANGELOU, 2018, p.122). Sem dúvidas, o exercício do silêncio e a prática do ouvir foram essenciais para desencadear a fala e a escrita em Angelou. Mas, sem a provocação da sra. Flowers, isso talvez não fosse possível, ou, pelo menos, demandaria um tempo maior.

Em um estudo nomeado *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, bell hooks⁶ (2019) emite uma fala crucial que pode levar à compreensão da decisão de silenciar que Angelou tomou. Segundo a estudiosa, “[...] muitas pessoas negras são criadas para acreditar que há muitas coisas sobre as quais não se deve falar, nem no privado nem em público” (HOOKS, 2019, p. 25).

Embora, isso possa explicar a mudez da menina Angelou, a pesquisadora hooks, que também tem uma história de vida delineada pela opressão, busca, em seus trabalhos, rechaçar essa forma de criação pautada na exploração e na inferiorização do sujeito negro, por meio da qual os sistemas de dominação definiam quem podia, onde e até o que podia ser dito. Em

⁶ Pseudônimo utilizado pela intelectual feminista, cujo nome de registro é Gloria Jean Watkins. É importante destacar que a grafia em minúscula é a forma adotada pela autora para o registro de sua assinatura.

Erguer a voz, hooks desenvolve um trabalho bem próximo do que a sra. Flowers fez com Angelou, isto é, ela incita ao longo da coletânea a reflexão. Assim, ela se ocupa em mostrar a importância das vozes, especialmente, daquelas que foram ao longo da história duplamente silenciadas, a das mulheres negras.

Bonnici (2011), em sua obra *Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas*, comenta que a década de 1970 marca o advento “de várias vozes, especialmente (semi) autobiográficas femininas, sobre a condição da mulher imigrante negra no Reino Unido” (BONNICI, 2011, p. 44). É exatamente nesse período que Maya Angelou, outrora morta de modo simbólico na ocasião de seu estupro aos oito anos de idade, renasce das cinzas. Dito de outro modo, é quando, de forma concreta, ela volta a viver por meio da linguagem. Sobre essa ocorrência hooks pondera que

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (HOOKS, 2019, p. 38-39).

Ao escrever e publicar sua primeira autobiografia *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, em 1969, Angelou demonstra que, apesar das trancas que cerceiam a gaiola do preconceito, do racismo e do abuso, é preciso resistir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras não ditas empurravam os pensamentos que não tínhamos como verbalizar e lotavam o aposento ao ponto do desconforto (ANGELOU, 2018, p. 302).

Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. É quando entro em contato com forças interiores minhas, encontro através de mim o vosso Deus. Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro. (LISPECTOR, 1998, p. 36-37)

Ao estabelecer um pacto autobiográfico em sua obra inaugural *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (1969), a escritora afro-estadunidense Marguerite Ann Johnson, ou simplesmente Maya Angelou, não só apresenta a escrita de si perpassando fatos de sua

infância e adolescência, mas também vai além, ao empurrar as palavras não verbalizadas que a desconfortavam. Dessa maneira, ela acaba por fazer o que a celebrada escritora brasileira, Conceição Evaristo, chamará mais tarde de “escrevivência”, termo que carrega consigo a ideia da soma do “escrever”, “viver” e “ser eu”. Em outros termos, Angelou toma como mote de criação justamente a vivência tanto do ponto de vista pessoal, bem como a vivência do ponto de vista coletivo.

Logo, Maya Angelou não foge da “escrevivência”, haja vista que, ao escrever, ela delinea a imagem de todo o processo histórico que vivenciou. Ainda, ao mesmo tempo que elabora para si, ela traz à tona a vivência de uma coletividade.

Sem embargo, Maya Angelou, valendo-se da metáfora expressa no título “o cantar do pássaro na gaiola”, exhibe seu canto na ânsia de se libertar das grades coloniais tão arraigadas mesmo após a abolição (e que ainda permanecem tão enraizados na sociedade contemporânea): o racismo, a violência doméstica, o estupro, as divergências políticas, a segregação.

Desse modo, ao romper com o silêncio subalterno/opressor e, por intermédio da escrita, quando narra suas lembranças e descobertas, a autora revela que, para alcançar a libertação e a subjetivação, é necessário se levantar e exhibir sua voz. No prefácio de *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, a escritora, acadêmica, filósofa e ativista brasileira, Djamila Ribeiro, avalia que “Nesta obra, muitos silêncios são ditos, de forma tão alta que não são somente audíveis, mas transformadores” (apud ANGELOU, 2018, p. 12).

Entretanto, há muitos silêncios que não foram escritos e permanecem no plano da vivência objetificada, ou, para fazer uso da metáfora do título, poder-se-ia dizer que há muitos pássaros que não cantam e estão presos em suas gaiolas. Em contrapartida, a obra de arte literária objeto desse estudo parece estar em consonância com o que hooks, teórica e ativista feminista norte-americana, apregoa: “Encontrar nossa voz e usá-la, especialmente em atos de rebelião crítica e de resistência, afastando o medo, continua a ser uma das formas mais poderosas de mudar vidas por meio do pensamento e da prática feministas” (HOOKS, 2019, p. 20-21) e pode servir de modelo para as vozes ainda aprisionadas.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Regiane Winarski. São Paulo: Astral Cultural, 2018.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feministas: Conceitos e Tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas. **Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas**. Maringá: Eduem, 2011.

Biografia de Maya Angelou. Publicação Original 2 de abril de 2014. Última atualização 3 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.biography.com/writer/maya-angelou>. Acesso em 07 mar. 2021.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Revista Ciência e Cultura**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TV BRASIL, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_n2gj1hGsoo. Acesso em 06 mar. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LÓPEZ, Alberto. Maya Angelou, uma vida completa. In: **El País: Cultura**. Publicação em 04 abr. 2018, 13:26. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/04/cultura/1522818455_771877.html. Acesso em 07 mar. 2021.

REIS, Michele. Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. **International Migration**, Oxford, Main Street Malden, v. 42 (2). Blackwell, p.41-54, 2004.

SPIVACK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WARKEN, Júlia. **Maya Angelou: ativista negra, poeta e mulher revolucionária**. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/maya-angelou-ativista-negra-poeta-e-mulher-revolucio>

[naria/](#). Acesso em 07 mar. 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Recebido: 25/07/2021

Aceito: 25 /01/2022